



## **Raízes ancestrais: revisitando os ritos pré-nupciais da década de 30**

**Ancestral roots: revisiting the pre-nuptial rites of the 1930s**

### **Solange Murta Barros <sup>1</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/2533634472247594>

ORCID 0000-0002-4666-8650

[solmurta@gmail.com](mailto:solmurta@gmail.com)

### **Olavo Ramalho Marques <sup>2</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/4329313092205827>

ORCID 0000-0002-7593-9608

[olavo.marques@ufrgs.br](mailto:olavo.marques@ufrgs.br)

---

1 - Mestranda em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Campus Litoral Norte (UFRGS/ CLN). Médica Reumatologista pela Sociedade Brasileira de Reumatologia/ Associação Médica Brasileira (SBR/AMB). Membro do Núcleo de Pesquisa em Cultura, Turismo e Sociedade (CulTus).

2 - Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Professor do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento (PGDREDES) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Campus Litoral Norte (UFRGS/ CLN). Membro do Núcleo em Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS). Coordenador do projeto Paisagens do Litoral Norte Gaúcho.



**Resumo:** Correspondências pessoais e antigos álbuns de retratos são um acervo material de indiscutível valor afetivo para pessoas diretamente envolvidas nestas memórias. São, talvez com carga simbólica de equivalente potencial mobilizador, mote para a análise de processos de transformação nas formas das relações sociais no campo das Ciências Sociais. Este artigo, suscitado por uma herança iconográfica como parte de processo de elaboração de luto, pretende correlacionar um patrimônio simbólico legado entre gerações ao enraizamento da identidade individual e familiar e, ainda, como testemunho histórico de costumes nupciais do período entreguerras em Minas Gerais, Brasil.

**Palavras-chave:** costumes nupciais, fotografia, genealogia, manuscritos, memórias afetivas

**Abstract:** *Personal mails and old photo albums are a material collection of unquestionable emotional value for the people directly involved in these memories. They are, perhaps with a symbolic meaning of equivalent mobilizing potential, a motto for the analysis of processes of transformation in the forms of social relations in the field of Social Sciences. This article, incited by an iconographic heritage as part of a grief process, intends to correlate a symbolic heritage bequeathed between generations to the rooting of individual and family identity, as well as a historical testimony of nuptial rites from the interwar period in Minas Gerais, Brazil.*

**Keywords:** *nuptial rites, pictures, genealogy, manuscripts, emotional memories.*

A vida significa tudo o que ela sempre significou, o fio não foi cortado. Porque eu estaria fora de seus pensamentos, agora que estou apenas fora de suas vistas?  
(Santo Agostinho, 354 d.C. — 439 d.C.)

Relíquias e memórias afetivas tem a aura que se lhes atribui. Preservar os objetos compartilhados entre gerações e que fazem diferença em termos de existência é um modo de honrar e estreitar laços afetivos familiares e, além disso, documentar costumes de uma época (Barros, 1989; Rendeiro, 2010). A expressão “preservar raízes” remete tanto à estagnação, sob a interpretação de enraizar-se como apegar-se ou fixar-se, quanto ao suporte, tomando a mesma ação como a de alicerçar-se ou consolidar-se. Neste segundo sentido, acreditamos que o ser humano destituído de raízes encontra dificuldades e tensões quanto ao reconhecer a si mesmo, aos seus e aos outros em dado contexto de vida, pois que cada sujeito se tece de relações, que por sua vez se constituem a todo tempo, a partir de bagagens históricas e culturais que lhe antecedem e lhe atravessam: seu enraizamento (Weil, 2023) lhe nutre. Cultuar antepassados, por sua vez, não diz respeito necessariamente a estar enraizado — cultural, geográfica ou psicologicamente — em lugar fixo. Indivíduos e famílias não costumam se ocupar do passado enquanto aspecto integrado à prática cotidiana que desperta maior atenção à consciência. Aqueles que se distanciam do seu lugar de origem, por sua vez, costumam carregar consigo hábitos e lembranças que são sempre fundamento para reafirmação de sentidos, feições identitárias — reconhecer-se! — e orientação no fluxo do devir. Tanto objetiva e racionalmente, quanto ao passado dado, mas também à constatação de processos de mudança e de transformações, e ainda à projeções de futuro. indicam novamente a necessidade de resgatar histórias e redefinir a importância de fatos e pessoas (Tuan, 2015), fluxos e permanências. Como nos ensina Bachelard (1993, p. 8), nosso passado inteiro vela por detrás de nosso presente e o que dura é apenas aquilo que tem razões para recomeçar. As imagens e correspondências, por sua vez, são testemunhos, construtos materiais e simbólicos de certos arranjos e representações sobre família, formas de relações sociais e laços matrimoniais.

No período entreguerras, o Brasil assistiu à ascensão de uma classe média republicana composta por profissionais liberais e funcionários públicos, em oposição aos resquícios de uma aristocracia agrária. Minas Gerais (MG) havia experimentado a transferência de seu centro administrativo de Ouro Preto para Belo Horizonte, cidade planejada, construída por floresteiros e inaugurada em 1901. A população urbana crescia, porém ainda respeitava hábitos interioranos, o balizamento moral conservador previsto pela religião majoritariamente católica e a busca por símbolos de status europeus. Proporcionalmente, mais mulheres de classe média chegavam à idade adulta do que homens da mesma classe, os noivados tornaram-se mais curtos e elevou-se a idade média dos noivos em relação às uniões vigentes nos anos oitocentos. Prescrevia-se às casadas a atividade sexual com finalidade reprodutiva, sendo comum o intervalo de no máximo três anos entre cada nascimento, e os papéis sociais determinados pelo gênero: fora aqueles que não abraçassem a vida monástica ou celibatária, cabia ao homem ser o provedor e patriarca da família e à mulher, o papel matriarcal de cuidar do marido, dos filhos e do lar. Com o dote e contratos prévios em desuso, mesmo que almejado romanticamente pelos nubentes, o casamento religioso católico, indissolúvel e legítimo com efeitos civis e sucessórios, era considerado socialmente correto apenas se consentido pelos pais dos noivos, que preferiam estabelecer laços entre famílias conhecidas e respeitadas, sendo as noivas virgens e os candidatos a marido estabelecidos em profissões estáveis. Estratégias



nupciais homogêneas e que se valiam da endogenia — casamento entre elementos da mesma família, em parentesco de quarto grau em diante — já não visavam a proteção contra dissolução patrimonial de grandes fazendas como outrora. Os objetivos implícitos eram os de manter a relevância social, costumes e de criar redes de apoio duradouras advindas do parentesco reafirmado (Miranda, 2013; Martins, 2017).

O acervo familiar que sustenta esse artigo é constituído de reproduções digitalizadas de correspondências pessoais manuscritas e fotografias analógicas em preto e branco, de autores anônimos, dos anos 30 e 40 do século passado, transmitidas a mim (Solange) por herança após o falecimento de minha mãe e minha madrinha. A narrativa imagética tem como capa a representação do enlace de meus avós maternos, Martinho e Mercedes (primos por parte das mães, ambos nascidos em 1912, casados em 1939 e falecidos em 1987), um ano após a formatura em medicina do primeiro, seguida de cartas, escritas em português anterior ao Formulário Ortográfico de 1943, trocadas por meus bisavós e que trataram do pedido de casamento transmitido pelos pais do noivo (Benjamim, farmacêutico, e Dolores, a “Lolô”) e aceito pelos pais da noiva (Tito, professor e contabilista, e Sebastiana, a “Tatal”). As demais fotografias, por sua vez, são organizadas em dois quadriênios contrastantes: o de 1933–37, que compreende a fase pré-nupcial e acompanha a sociabilidade informal dos primos em meio aos seus contemporâneos e outro, de 1939–43, que os acompanha após o casamento em retratos estruturados de modo tradicional, junto ao núcleo estendido materno.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. A Dialética da Duração. São Paulo: Ática, 1988.
- BARROS, Myriam M.L. Memória e família. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29–42, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2277/1416>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- MARTINS, Maria F. Família, estratégias e redes de poder em Minas Gerais (XVIII/ XIX). Acervo, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 121–139, 2017. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revista-acervo>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- MIRANDA, Alina S. S. União indissolúvel e perpétua: modernidade e expressões familiares à época da secularização dos casamentos (1890–1930). 2012. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- RENDEIRO, Márcia E. L. S. Álbuns de família: fotografia, memória, identidade e representação. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro, Anais [...]. Rio de Janeiro: UniRio, 2010. Disponível em: <https://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.
- WEIL, Simone. O enraizamento: prelúdio de uma declaração dos deveres para com o ser humano. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

Cara Lolô

Que esta te encontre e a aos teus com perfeita saúde, depois das aflições que passaram com as doenças ali, é o que desejo.

Respondendo com satisfação a carta que nos dirigiram comunicando a resolução do Martinho, pedindo em casamento nossa filha Mercedes, sei-teba a dizer da minha parte que aprovo com grande contentamento, pois assim o laço de amizade que entre nós existe, ficará mais firme ainda para o futuro e que Deus os abençoe cumulando-os de milhares de felicidades.

Baby e eu visitamos e abraçamos ao Sr Benjamin, Xexé e família.

Abraça-te com saudade a irma velha  
Sebastiana

Maria Anna, 24-V-38.



22  
Suassunty, 22 de Maio de 1938

Viló e Matãl.

Deus os proteja.

A ultima carta que temo  
do Moartinho vem nos falar  
da grande amizade que  
tem a sua digna filha  
Moicêdes e agora que, com  
o poder de Deus, poucos  
meses o prendem ali,  
vem elle se definir com  
você, pedindo-lhes a  
sua mão em casamento.  
Dando-nos sciencia desta  
sua deliberação, quis

que este pedido fosse feito  
pelos seus paes - pedido  
que lhes fizemos com  
prayer -

Si elle for dado o  
Sr. Moartinho, elle precisa de  
prazo, não só para  
se formar, mas ainda  
para se collocar comve-  
nientemente -  
Aguardando sua res-  
posta, enviaremos a todos  
nossos santos e  
abraços.

Benjamin e Dolores.





Fotocronografias, Porto Alegre, v.10, n.23, 2024



Fotocronografias, Porto Alegre, v.10, n.23, 2024























